

Urdimento

REVISTA DE ESTUDOS EM ARTES CÊNICAS
E-ISSN 2358.6958

23 fragmentos distópicos

Jean Carlos Gonçalves
Sônia Machado de Azevedo

Para citar este artigo:

GONÇALVES, Jean Carlos; AZEVEDO, Sônia Machado de. *23 fragmentos distópicos*. **Urdimento** – Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 1, n. 54, abr. 2025.

 DOI: 10.5965/1414573101542025e602

Este artigo passou pelo *Plagiarism Detection Software* | iThenticate



A Urdimento esta licenciada com: [Licença de Atribuição Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) – (CC BY 4.0)



23 fragmentos distópicos¹

Jean Carlos Gonçalves²
Sonia Machado de Azevedo³

Resumo

Dramaturgia autoficcional criada a partir de exercícios experimentais dos autores em suas buscas pelo entrelaçamento entre corpo e escrita. Vinculado aos projetos de pesquisa Educação e Artes do Corpo: outras presenças para outros tempos e Discurso Teatral: ressonâncias dialógicas em tela (Apoio CNPq), o texto se configura enquanto uma proposição que explora e suscita articulações com diferentes dimensões verbais, visuais e verbo-visuais, ao mesmo tempo em que mobiliza a noção de discurso teatral buscando investigar o funcionamento de suas ressonâncias discursivas na contemporaneidade.

Palavras-chave: Autoficção. Discurso Teatral. Experimentação. Distopia.

23 dystopian fragments

Abstract

Autoficcional dramaturgy created from experimental exercises of the authors in their search for the intertwining between body and writing. Linked to research projects Education and Arts of the Body: other presences for other times and The theatrical discourse: dialogical resonances on screen (CNPq Support), this text is configured as a proposition that explores and raises articulations with different verbal, visual and verbal-visual dimensions, while mobilizing the notion of theatrical discourse seeking to investigate the functioning of its discursive resonances in contemporaneity.

Keywords: Autofiction. Theatrical Discourse. Experimentation. Dystopia.

23 fragmentos distópicos

Resumen

Dramaturgia autoficcional creada a partir de ejercicios experimentales de los autores en su búsqueda del entrelazamiento entre cuerpo y escritura. Vinculado a los proyectos de investigación Educación y Artes del cuerpo: otras presencias para otros tiempos y Discurso teatral: resonancias dialógicas en pantalla (CNPq Apoyo), este texto se configura como una propuesta que explora y plantea articulaciones con diferentes dimensiones verbales, visuales y verbal-visuales, a la vez que moviliza la noción de discurso teatral buscando indagar en el funcionamiento de sus resonancias discursivas en la contemporaneidad.

Palabras clave: Autoficción. Discurso teatral. Experimentación. Distopía.

¹ Trabalho realizado com o apoio do CNPq

² Pós-doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP/CNPq). Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Mestrado em Educação pela Universidade Regional de Blumenau (FURB/CAPES). Licenciatura e Bacharelado em Teatro pela FURB. Professor do Departamento de Teoria e Prática de Ensino da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Atua no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFPR) e no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLetras/UFPR). Pesquisador com bolsa de Produtividade em Pesquisa do CNPq.  jeancarlosgoncalves@gmail.com
 <http://lattes.cnpq.br/8274122800491884>  <https://orcid.org/0000-0003-2826-3366>

³ Doutorado em Artes pela Universidade de São Paulo (ECA/USP). Mestrado e Bacharelado em Artes pela Universidade de São Paulo (ECA/USP). Professora titular de Práticas Corporais na Escola Superior de Artes Célia Helena (ESCH) - São Paulo. Atua no Programa do Mestrado Profissional em Artes da Cena da ESCH, onde coordena o Núcleo de Pesquisa da Presença - NPP.  sonia_azevedo@yahoo.com
 <http://lattes.cnpq.br/1405528811552078>  <https://orcid.org/0000-0003-3135-3442>



Notas sobre 23 fragmentos distópicos

23 fragmentos distópicos, texto assinado a quatro mãos, se constitui enquanto uma experimentação dramatúrgica dos autores em mais um projeto interessado nas relações entre corpo e escrita, tema do dossiê *Corpos que escrevem*. Durante a pandemia de COVID-19, especificamente no ano de 2021, Jean e Sônia escreveram quatro livros nos quais um conjunto de ensaios-conversa vai acompanhando ao longo de mil páginas as quatro estações do ano, a saber: *O abismo de rosas azuis: conversas de verão*, *O brilho de mil horizontes: conversas de outono*, *Tatuagem sobre o oceano: conversas de inverno* e *Estrelas incandescentes: conversas de primavera*, todos publicados na Coleção Estações, da Hucitec Editora.

O presente texto nasce, assim, de um encontro literário anterior e, também, de uma amizade cultivada por seus autores há uns bons anos. Dessa vez, no entanto, Jean e Sônia buscam, juntos, zonas limítrofes entre o real e o ficcional, borrando, recriando e inventando, com e nos seus próprios corpos, memórias de passado e de futuro, submergindo em algum cronotopo indefinido, incerto, inacabado, imprevisível.

Assumindo a ideia de que os *Corpos que escrevem* o fazem por uma perspectiva artesanal e manufaturada, os autores criaram a presente dramaturgia inteiramente por aplicativo de mensagens, no celular, ou seja, com um aparelho tecnológico nas mãos, atravessando de vários modos uma escrita feita com o próprio corpo, em sua forma radicalmente conectada aos novos tempos e bastante distante do que se concebe tradicionalmente como cenário ideal para o exercício da escrita. Enquanto escreviam, os autores estavam em pé, sentados, deitados, caminhando, correndo, malhando, em casa, no trabalho, em espaços ao ar livre, utilizando-se de intervalos do dia e da noite, cercados ora por silêncio ora por barulhos extremos, o que pode, talvez, ser notado no ritmo das palavras que transitam entre tons frenéticos e contemplação.



Sugerimos, para a leitura e/ou encenação de *23 fragmentos distópicos*, a atenção a alguns aspectos que constituem essa dramaturgia: a) O texto não possui uma quantidade de personagens definida; quem fala pode ser uma personagem, ou muitas, que compartilham ou não o mesmo espaço-tempo das ações; b) a(s) personagem(ns) não possui(em) gênero definido; c) o manuscrito não apresenta qualquer pontuação ortográfica, cabendo ao leitores e/ou encenadores o trabalho de realização de seus próprios exercícios de pausa, respiração e outros aspectos envolvidos na leitura e/ou encenação de uma dramaturgia erguida sobre alicerces movediços entre corpo e escrita.

23 fragmentos distópicos

23/05 16:15 - fragmento 1

para talvez um amanhã

era a lua eu sabia que era ela porque iluminando tudo a sua volta ela me dizia que talvez fosse bom se ter um pouco de esperança tudo muito escuro um silêncio assombroso mas eu não sentia nenhum medo eu vi a lua e o céu imenso coalhado de estrelas fazia frio muito frio e eu percebi então que a toda minha volta nada existia eu estava no deserto eu estava num deserto silencioso e gelado

do meu corpo eu já nada sabia penso agora que talvez nesse momento eu nem tivesse um corpo ou alguma coisa parecida com o corpo que em algum momento em algum outro lugar em alguma outra vida eu teria possuído sido tido agora não agora talvez eu fosse areia só areia talvez eu não visse a lua eu sentisse a presença da sua luz branca fria que tantas vezes eu olhei pela janela de alguma coisa que eu não lembro bem de alguma vida que eu não sei se eu vivi

eu acho que não tem ninguém perto de mim eu penso em gritar mas esse silêncio me amordaça me impede me diz que talvez seja melhor continuar assim em quietude mas eu queria saber se há alguém por perto se há alguém com quem eu possa falar se alguém que me escuta alguém que me lê alguém que talvez se pergunte se há alguém se há mais alguém

há algo não sei se alguém restos talvez cacos de coisas quebradas que ainda não se colaram nem se juntaram pra reviver há algo alguma coisa de mim sobre mim que não sou eu na minha inteireza pedaços de vento estilhaçados jogados em vários cantos de um nós quem sabe um eu de outrora que nunca pôde existir mas agora se encontra no limbo entre um desejo de ser sair nascer dançar e nunca morrer um eterno vai e vem falemos então aqui mesmo em qualquer lugar se é que existe algum lugar ainda e alguém



23/05 18:16 - fragmento 2

ir embora

era neve eu sabia neve funda onde eu deitava ou algo como era eu não sei não sei estava muito gelado escuro silencioso era um mundo assim eu pensei eu pensei nisso que era eu e que não era eu e que era só no meio da densa escuridão no meio da neve mais funda pensei em gritar mas não tinha voz aliás eu não eu não era eu não tinha eu nem tenho nenhuma lembrança de que haveria havido um eu ou um mundo no meio da neve no meio do escuro no meio da noite no meio do nada

tem alguém aí eu pensei eu queria falar mas eu não disse eu pensei tem alguém aí depois eu disse para mim sim para mim aí aonde aí na neve na noite na lua no frio da madrugada no tempo

que tempo mas se houver alguém que possa me escutar ou ler meus pensamentos ou ler o que eu gostaria de estar escrevendo por favor entre em contato fale com isto que eu acho que sou eu diga alguma coisa por favor apenas diga ou pense ou escreva

23/05 18:16 - fragmento 3

vitrola

espero

só e sempre espero

talvez já não seja mais o momento de se aventurar no tempo cansa demais é confuso tudo opaco mesmo que a esperança esteja aqui junto com a sensação de um fim esperado e quieto será que eternidade é uma farsa queria mais queria dizer tudo mas acho que nem aqui não consigo justamente por não saber quem me ouve me lê sente me espia não sei afinal uma desinteligência aterrorizou naquela época em que tudo parecia demasiado infernal e estranho estranhamente vigiados sempre reféns da farsa de dias comuns corriqueiros gente comum mentira gente comum é uma mentira será que sou gente pergunto então

incomuns talvez sejamos todos nunca em harmonia nunca o horizonte algo sempre à espreita líquidos proibidos jorram por toda a parte posso vê-los daqui mas minha visão é um tanto turva e duvidosa não sei não vejo direito ou sei mas não quero ver não sei se jorram eles mesmos os líquidos ou se estou diante de uma aurora indefinida queria sentir o gosto de tudo o gosto daqui e de alguém sempre alguém sempre os encontros espero e anseio por encontros vão torpes sujos quietos molhados encontros corpos sangue o tempo dirá

o que é o tempo pergunto então



23/05 19:17 - fragmento 4

telegrama

porque não consigo me mover nem olhar nem ouvir nem sentir tudo está seco por dentro me reviro do avesso o avesso é meu limite o meu avesso a escuridão cresce algo em mim diminui se esconde se esfrega no chão no gelo na neve abra os olhos abro muito meus olhos mas não enxergo se existe alguma coisa parece muito longe de mim e eu fico aqui pensando há quanto tempo estou aqui quanto mais tempo eu ficarei por aqui e por fim em exaustão me respondo o que é então a distância

talvez nunca amanheça

23/05 19:29 - fragmento 5

tailândia

um lugar uma pessoa um objeto de decoração um letreiro um pôr do sol tranquilo mas não muito feliz um corpo uma música carros movimento e o som de repente do nada tailândia e eu talvez em uma sintonia nunca antes sentida vista imaginada sem interferências sem interrupções apenas respiração alguma ofegante até que a ameaça faz do fluxo uma luta um escape possível insegurança medo um golpe tão bobo apenas por que o corpo pede deseja pulsa inflama

tailândia e seus perigos especialmente ao anoitecer dos fins das coisas que uma vez se chamavam dias mas ao entardecer ao entardecer alguém vinha alguém pergunto eu e se for só uma lembrança ou algo como um corpo que caminhava por uma região desértica assim sem tempo em distâncias infinitas que caminhava para longe de mim porque existiu uma vez alguém que caminhava no deserto alguém sem história que se perdeu nas brumas do meu pensamento que se afogou em mim que me afogou é isso eu me lembro agora caminhava a passos largos para longe de mim em distâncias que eu desconheço em outros países onde ainda nem escureceu

será que existe ainda algum lugar no mundo em que não exista mais essa escuridão gelada será uma bola de vôlei cruza os céus entre retas curvas alturas e linhas de chegada e partida assim como as curvas alturas e linhas do corpo que digita um oi com os mesmos dedos que tocam a bola oi você está por onde por aqui saindo daqui a pouco para algum lugar quem sabe teus braços caso não estejam cansados exaustos do saque um tanto amador que fez voar objetos olhares mundos e planos de expressão ainda não vividos saudade

fragrância química e três mil e poucos dias de oscilação sim isso é uma profecia ou seja jamais acontecerá mais uma visão turva uma alternativa para suportar estados como esse meu de suor fadiga e desespero por não saber de nada simplesmente não saber



23/05 21:11 - fragmento 6

origami

simplesmente não saber

vez por outra essa escuridão me desnorteia me desespera e o silêncio ainda mais penso gostaria de saber onde estou o que está me acontecendo afinal mas depois um calafrio me percorre eu me misturo com a neve e penso alguma coisa em mim pensa alguma coisa que escorre por um corpo que eu não tenho os contornos que eu não conheço que eu não sei qual é alguma coisa me diz saber talvez e aí eu misturando isso que sou eu ou não sou eu ao frio terrível sei que não é bom saber não é bom saber nada do que nos acontecerá é terrível saber o futuro porque inevitavelmente inevitavelmente inevitavelmente essa palavra tão terrível porque inevitavelmente não sei

só sei da tarde só sei da chuva só sei que alguém perdido na escuridão alguém com frio alguém rolando o rosto no asfalto alguém que de repente desmaiou alguém sujo alguém de quem todos tem nojo existe esse alguém ou existiu ou existirá no meu caminho muito bom não saber

para nunca saber

24/05 15:39 - fragmento 7

café

pequeno aconchegante em algum canto quase esquecido por todo mundo há escadas azuis que podem nos levar a pensamentos impublicáveis sim pensamentos que não devem sair do lugar não devem virar escrita nem fala nem música nem pintura pensamentos que devem permanecer como são apenas pensamentos presos no tecido lilás do sofá que decora o ambiente o cheiro de café moído na hora a paisagem não muito bonita que se vê da janela prédios casas velhas nuvens árvores de outono chuva pequena e gelada o gelo que não combina com o café quente o sofá e seu conforto que não combina com a turbulência dos pensamentos que nunca virarão qualquer outra coisa outro experimento

filtros filtram o que não deveria e nem precisaria ser filtrado mas os pensamentos insistentes não conseguem se aventurar em um lampejo de transgressão totalmente sem filtro o café está pronto ou estará mais à frente em algum tempo vindouro um prenúncio de paz no espaço fora dentro acontecerá algo acontecerá

fareja a noite fareja bem de mansinho pensando em folhas macias chão fofo de folhas podres em cheiro de jabuticaba amassada onde as moscas pousam e se saciam a noite chegou com uma lua enorme de novo sempre a lua a noite chegou com um cheiro com muito cheiros misturados que como um bicho fareja tentando discernir o que o que o que é que cheira cheira um desejo de chafurdar se afundar na lama entre as folhas secas mortas desejo de rastejar como cobra de seguir em frente desenhando caminhos macios no vão quente da terra ela tem vontade de ser cobra ela tem vontade de ser um bicho pequenino que corre pelo meio das



folhas em busca do que pergunto

hoje então ouviu o sabiá cantando no meio de uma avenida barulhenta na única árvore no meio da avenida ouviu de verdade não foi um sonho o pobrezinho cantando desesperado no meio do barulho dos carros dos ônibus das motos do barulho estranho da cidade e então parou e nesse momento o ar tinha cheiro de gasolina o cheiro podre dos escapamentos das motos mas o sabiá lá cantando tão cheio de esperança tão sozinho tão completamente abandonado no barulho da cidade quem poderia saber ouvir seu canto quem poderia no meio de todo esse ruído ouvir seu chamado

24/05 20:51 - fragmento 8

frisson

por dentro

algo como lambar e receber lambidas até que todos os pelos do corpo se esgueirem sobre uma montanha de pele ainda não tocada ainda não experimentada algo como saliva escorrendo sobre o corpo abrindo caminhos entre o suor que já lava todos os percursos aeróbicos e de força muscular realizados hoje hoje hoje indago quando mesmo começamos a existir desse modo onde tudo é possível e tudo se realiza onde todos os pensamentos se transformam em palavras músicas pinturas gestos abraços beijos sons canções assovios sopros respirações trêmulas e histórias devassas religiosas interrogações e respostas que não dão conta de descrever um toque sequer

uma pele rasgando outra pele com ira fúria e erupção ao devorar outro corpo me solto de mim perco o controle por alguns segundos sou eu quase que inteiramente quase em completude ainda não em inteireza ainda não em completude e não consigo saber ainda nada nem sobre mim nem sobre alguém uma pessoa uma coisa um lugar nada sobre nada estendo meus braços à procura do teu corpo mas isso parece que foi há milhões de anos atrás quando eu tinha um corpo e você você era um corpo que escorria sobre o meu como lava como riacho profundo e nós misturávamos as nossas águas incessantemente com fúria e medo que medo era esse eu penso agora era um medo de que o tempo passasse rápido demais e nós nos perdêssemos de nós era medo medo de uma solidão adivinhada de braços procurando no escuro o que não existe mais no tempo infinito

no tempo desgarrado às vezes no escuro como agora eu me pergunto onde você estará esse você que talvez nem exista mais que talvez os tempos tenham tragado levado teu corpo pálido e forte e singelo que me atormentava as noites e que me trazia tanta paz talvez penso agora você nunca tenha existido talvez eu precisasse ter te criado no meio da banalidade da vida talvez que essas criações se façam para que a precariedade dos dias noites e horas sem fim seja esquecida

amortecer

por fim

24/05 21:12 - fragmento 9

sorte

o começo de tudo

queima aqui um grito um grito preso um grito ardente um fogo que me consome grita em mim tudo que eu não consigo tudo o que eu não posso tudo que não me deixam grita em mim um desejo de me espalhar pelo mundo pelo mundo afora pelo mundo inteiro grita em mim esse desejo de me repartir me doar me transcender da minha própria carne me partir despedaçar em mil pedaços um fetiche ser pó de estrelas mortas que no entanto brilham grita em mim

uma adolescência eterna um ódio um ódio a todos aqueles que vivem suas vidas sozinhas medíocres pequenas econômicas entre as quatro paredes olhando pela janela e julgando os que passam nas ruas batidas de sol e varridas de vento me espalhar experimentar tudo que ainda não consegui e se isso significar a minha morte que seja pouco importa porque no meio da escuridão em que estou sem conseguir ainda ver saída alguma a imobilidade me sufoca quero dançar uma dança que vai explodir numa fúria incontrolável de viver de viver intensamente intensamente

25/05 10:47 - fragmento 10

pó de estrelas

a água escorre lenta e tranquila posso sentir as gotas quentes percorrendo um caminho que parece infinito desce depois de molhar todo o corpo e encontra o ralo dali pra frente tudo é festa não há compromisso algum trabalho alguma coisa qualquer já não é necessário lavar nada nem ser potável nem servir pra alguma coisa uma liberdade para simplesmente escoar entre canos sujeira lama e liberdade para transitar até que em algum lugar esteja o oceano esperando aberto receptivo e seguro todas as águas da terra chegam ali todo sabor toda amêndoa mordida que produz saliva vira líquido depois água talvez rio e depois oceano algum deles banhando algum continente algum país quem sabe eu esteja hoje no sul da china e possa me entrecortar por tristezas e melancolias nostálgicas então só a água que escorre devagar e sorradeira me salva me diz que estou sou existo que preciso seguir seguir seguir a estreia está próxima não sei como lidar serei alguém que nunca fui não lembro exatamente como vou precisar ser precisar existir há um esboço um rascunho uma voz narrativa talvez que no momento certo chegará e dirá haja luz e tudo começará a fazer sentido

algum sentido necessito que faça algum sentido o menor que seja não consigo falar exatamente o que quero nem sei se estou falando ou escrevendo ou pensando apenas sei que minha língua não é a mesma meu idioma minha compreensão não sei do que gosto ou devo gostar ou me ensinaram a gostar o que eu quero não sei mais querer salivo engulo com alguma dificuldade um nó nos grandes desertos que antes foram mares o vento corre livre solto sem amarras



25/05 11:58 – fragmento 11

faixa de gaza

nos grandes desertos quentes que antes foram mares o céu é tão estrelado não há nada nada que ofusque o brilho das estrelas nesse desertos por baixo da areia na aridez da areia a vida vive a vida se aquieta treme delira soluça a vida escorre como se existisse a água mas por dentro por baixo lá no fundo do desertos corre o gelo de neves longínquas corre o pó das estrelas que há muito deixou a superfície da terra algo em mim pensa esses desertos quase áridos que parecem áridos que parecem muito antigos que são antigos penso nesse tempo que não existe no deserto penso na imensidão estrelada

penso nas sombras que as pedras fazem no chão da areia no escuro da noite na pessoa viajante que vem com cansaço que vem de longe nos vermes que rastejam nas cobras na superfície da areia penso na neve que cai sim porque neva no deserto algo em mim pensa os cavalos selvagens que correm livres pela imensidão no fundo se trata disso o vento correndo solto correndo livre por dentro e por fora de alguma coisa que um dia talvez eu possa chamar de eu

sigo caminhando caminho fora do tempo porque nunca amanhece então também não vai anoitecer a estrada é fechada sinto a presença das árvores e das pedras mas não vejo nada o chão é frio e eu sigo em muitos lugares

01/06 06:32 - fragmento 12

febre

resignar

alguém muito longe daqui assiste ao pôr do sol alguém agora acabou de morrer alguém acabou de nascer e outro alguém conheceu o amor lá longe mais longe alguém conheceu o inferno do desencanto a perversidade e a dor muitos estão nesse momento agora morrendo morrendo morrendo eu sigo o chão é gelado a escuridão me envolve mas eu já não tenho mais medo agora em algum lugar muito longe daqui talvez uma pequenina flor nasça numa brecha no fundo do asfalto ou seja esmagada pelos pneus velozes dos carros

acho que é onde estou hoje ou deveria estar nesse futuro que não consigo tocar ainda havia uma promessa eu ouvia uma promessa de que no futuro os céus se abriam a luz raiaria como sinal de novos tempos novos dia novos formatos de vida e existência talvez mas tudo isso seria no futuro esse no qual estou agora cercado por muros cinzas e cenários de uma guerra distante imaginária mas que aconteceu aconteceu mesmo de verdade eu era integrante da equipe de guerra

fiquei com o corpo cheio de feridas corpo encharcado de sangue mas podia sentir que beijava meus pés beijava suavemente cada parte entre meus dedos deixando-me no chão entregue entre sangue e vontade sangue e saliva morrendo sentindo a sensação de morrer deve ser isso uma sensação de desfalecer por completo de me jogar ao acaso e deixar que ele aconteça morangos nos pratos da mesma cor



do sangue morangos dos campos dos desertos das imaginações que enchem a mesma boca que me tocava e tudo aqui ou lá não sei bem não consigo levantar nem me mexer mas sinto ainda vive cada parte de mim ainda vive

13/06 21:38 - fragmento 13

um sim

um lugar sem lugar onde estou entre os galhos das árvores altas passam fios de luar que chegam até a terra fria onde me deito onde caminho onde paro e olho para o céu de novo lá está ela a lua é meu único guia não sei onde estou não sei para onde vou mas o frio me cerca como um amigo o frio envolve a minha pele deixando na medida mesmo de quem sou essa pessoa pacificada sem sonhos nem desejos uma pessoa viva apenas que como um bicho sabe ser noite de lua cheia

sabe ter cuidado ao andar na floresta sabe que talvez um dia possa clarear nenhum som nenhum só a noite é tremulamente silenciosa a noite é trêmula a noite é incessante a noite eterna a noite acaricia os troncos das árvores e as minhas pernas nuas é isso uma lua imensa no céu que vaza por entre os ramos das árvores altas e chega até os meus pés descalços como continuo sem saber não me interessa mais saber é noite alta só isso e eu um bicho um bicho trêmulo um bicho que cansa de caminhar um bicho que para e uiva um bicho que canta me espera um bicho pessoa ninguém

espero depois da espera depois do fim de tudo espero ainda aguardo a passagem do tempo como se eu pudesse ser a eternidade se pudesse reviver das cinzas espero

16/06 12:46 - fragmento 14

relicário

o tempo parece um rio parado um rio largo parecido com o mar mas que tem uma direção olhando de longe não se vê o movimento um rio parado mas por baixo lá no fundo as águas escorrem em alta velocidade rumo rumo a onde rumo a que rumo porquê ando sem rumo ainda mas o rio corre o tempo passa tenho medo do tempo passando sem parar desconfio por isso não posso dormir eu imagino que nunca mais vou dormir porque no sono eu me sinto sem proteção

uma pessoa frágil à mercê tudo qualquer coisa pode acontecer com quem dorme eu não posso dormir eu tenho que velar velar por mim pela segurança que eu tenho que ter que eu preciso ter enquanto a noite escura me segue me cerca e cerceia nunca mais nunca mais vou dormir nunca mais vou me abandonar a nenhum sono a nenhum sonho e no entanto sigo de vez em quando olhando a lua imensa no céu eu não sou uma personagem pelo contrário eu escrevi e dancei esse texto

sou parte de mim aqui um das muitas partes que sou que posso ser que poderia



ter sido que serei e é estranho não saber qual delas sou eu que quero que um sol quente e veloz queime minha pele transformando-a em um inferno de chamas alaranjadas que o suor escorra por todas as partes desse corpo que também sou eu qual corpo pergunto de quem sou eu não sou uma personagem mas às vezes não sei onde está o meu corpo alguém que se prende numa matéria sem a qual não existo

na prisão de um turbilhão de letras e palavras que inundam um planeta escondendo todo pedaço de terra mesmo que pequeno e invisível eu sou a própria criação tudo aqui sou eu embora não seja exatamente eu quem esteja aqui eu sei que não estou falando de uma farsa sou mesmo uma farsa então isso uma farsa uma mentira uma estratégia um equívoco um erro perdoem-me perdoem-me por estas coisas que não queria dizer agora vocês descobriram enfim vocês descobriram enfim que eu não existo

19/06 22:31 - fragmento 15

moradia

essa tarde de sexta-feira porque é uma sexta-feira eu sei pela mata eu vejo as pessoas abandonadas são milhares elas andam a esmo descalças com as vestes rasgadas o corpo ensanguentado são crianças que seguem para lugar nenhum não há quem as ampare não há quem as sustente a noite cai tudo esfria no ar no chão elas andam a esmo de onde eu vejo as crianças passando eu que não sei onde estou são centenas são milhares o que é que se pode fazer fechar os olhos seguem de cabeça baixa olhando o chão frio e não se veem

fico pensando aqui se já morreram se são fantasmas que a chegada da noite criou se não morreram estão prestes a não sei mais não sei mais nada não espero nada eu ouço o riso de gente velha barriguda de roupa social de bem levantam os dedos apontam e acusam e acusam e acusam a tarde cai é uma sexta-feira por onde andarão crianças assim ensanguentadas quem as deixou assim tão em desamparo e tão sozinhas são abusadores os que se sentam à mesa de todos os bares e erguem brindes com suas mãos sujas de sangue tudo está contaminado há contaminação por toda parte e eu já sei que é assim

será meu fim entre medo e pavor entre terror e cegueira sem te alcançar e com o peito em chamas assim será meu fim entre partículas que até parecem inofensivas mas vão aos poucos me destruindo e destruindo a gente o que seríamos num futuro sonhado dói bastante está doendo agora quero ser inexperiente cada vez mais quando a noite é escura como agora muito escura o medo vem mais forte como é que eu vou te explicar

22/06 08:17 – fragmento 16

acalanto

o medo é uma sensação que ronda em volta do corpo de cada uma das partes do



corpo como alguém que assassina pessoa boazinha louca com uma gilete como um ser que se apaixona pela morte quando o escuro vem como agora a gente sente o medo escorrendo pelas pernas nuas a gente sente o cheiro do medo a gente ouve o som do medo e é nessas horas na calada da noite muito longe ainda do dia chegar é que a gente se vira de um lado para o outro no chão no frio no gelo na água então o medo começa a se tornar uma amizade próxima companhia amante nesse momento o medo é amante cruel mas amante

meu corpo é um labirinto de rocha crua um labirinto de peixes uma correnteza de água escura entre margens desbotadas pela chuva meu corpo é um labirinto velho desconhecido de mim desconhecido de tudo e enquanto penso em quem por mim passou tento entender o porquê tenta imaginar o que é que procuravam nessa terra inóspita que eu chamo de eu nesse pedaço de chão perecível finito estreito pontiagudo absurdo nessa hora que o inverno chega penso o que procuram e procuravam em mim aqueles que me tomaram que pensaram me possuir porque no fundo eu sei ser impossível

e a pessoa que eu sou no escuro silencia

silenciamos nós no silêncio na escuridão do quase abismo a tarde escorre o desejo vaga pelas ruas desejo de que afinal desejo de alguém mas que alguém quem silêncio o silêncio envolve tudo na ausência do ar frio do frio que não chega de um inverno quente em que se acorda na madrugada com o corpo empapado de suor entre um corpo nu empapado de suor pede amor pelas madrugadas o mundo silenciou nos silenciamos apenas falamos sobre a nossa dor que dor que dor é essa que afinal não passa que desejo é esse insaciável que quanto mais tem mais quer

eu só queria ser o vento correndo o mundo sem descanso resvalando pelo corpo das coisas de todas as coisas troncos de árvore pedras pessoas um vento que deslizasse pela escuridão sem nenhum temor um vento que não sofresse nem de amores nem de males o vento que não fosse triste apenas resvasse a superfície das coisas sem desejo nenhuma necessidade

22/06 18:30 - fragmento 17

entre o silêncio e o pôr do sol

essa manhã eu vi a morte no rosto de alguém que passou passou e foi seguindo o seu caminho e eu olhando o seu corpo prestes a desfalecer não me pergunte porquê desde criança isso uma pessoa que via que não devia ser vista e sabia o que não era para saber que desconfiava de alguma coisa e estava certa no final

não é loucura não uma pessoa habitada pela morte próxima é pesada de energia pouca pele macilenta de onde toda luz e toda alegria escaparam é isso a pessoa habitada pela morte próxima deixou escapar a alegria e caminha pelas ruas como se simplesmente caminhasse como um zumbi morte adentro vivo alguém sem expressão alguém que não se comunica mais com o céu com o frio com o mar com um passarinho que pousou bem ali na frente uma casca de fruta jogada no chão



essa manhã eu vi a morte passando no rosto de alguém e esse alguém me disse bom dia e eu respondi bom dia mas por dentro o frio me correu pelos ossos como um grito

frio só a morte traz na sua absoluta imobilidade no seu para sempre estranho o clima o vento o norte a manga seca fora de época e o pneu furado no meio do caminho estranho tempos de queda fracasso choro tristeza e vento e frio meias nos pés gelo na alma tremor sensação de sufocamento estranho amanhã talvez o fim esse fim que já passou afinal já é depois do fim agora

01/07 19:02 - fragmento 18

making-of

bem depois do fim mochila nas costas aventura subidas cajado e histeria é o fim que passou e essa é a dor talvez de não saber se haverá a oportunidade de um novo fim enquanto aqui estranho o silêncio enorme da mata eu farejo a temperatura de bicho grande

chegando de manso devagarinho planejando ataque sem fazer barulho pressinto farejo o risco a chegada do perigo de todos os perigos de qualquer perigo em tempos sem tempo de natureza desvairada de árvores e céus desentendidos quando chove fora de hora quando esfria no verão quando esquenta no inverno as mãos estão sempre geladas mas os dias seguem mansos serenos como se tudo estivesse na mais pura ordem mas para quem presente o caos dos anos sucessivos não há nenhuma possibilidade de engano

um fim se aproxima instante a instante apenas um fim

13/07 17:00 - fragmento 19

petricor

todas as palavras ditas ano após ano século após século em todas as línguas as conhecidas e as não conhecidas dissolvem-se no ar desaparecem todas elas as ditas nas conversas nos diálogos as ditas em solidão as cantadas as gritadas cada uma junta ou separada das outras seus sons se perdem em pleno ar e mesmo que eu conheça seus sentidos nada poderei fazer para recuperá-las sumiram e nunca mais serão ouvidas por ninguém que triste agora tanto afeto desprendido solto na imensidão

na imensidão do mundo sem chance de qualquer recuperação mas os livros esses mesmos que espalham suas folhas ao relento mesmo que rasgadas ou sujas essas palavras o sentido dessas coisas que um dia foram pensadas e escritas ficarão por aí à mercê das horas e do tempo para que um dia alguém em algum lugar

é preciso que haja festa que haja luzes que haja canto e que haja dança é preciso que haja vinho e todas as coisas que possam espantar as sombras que teimam e teimam em aparecer é preciso dançar é preciso cantar é preciso se deixar iluminar



pela lua cheia é preciso deixar que todas as luzes rompam desvirginem a escuridão da vida do mundo escuro que nos envolve muita luz muita cor muito vinho muito prazer muito prazer muito prazer é preciso antes que a escuridão se abata sobre nós em um para sempre sempre inesperado

10/08 18:42 - fragmento 20

máscara

corpos suados quentes encostam-se derretem-se almas desnudas por completo não apenas corpos não apenas desejos uma pausa voltar ao início de tudo talvez talvez nascer no teu corpo alma talvez navegar para muito longe de ti pensar em festas de infância quando tudo era ternura e solidão deixar que o calor escorra corpo afora e o frio aprisione de vez o amor derramado deixar assim que tudo aconteça como um fio frágil que pode se romper de repente ou se contaminar de futuro

aprisione aconteça

que do imenso e conturbado caos nasça a paz dos encontros impossíveis a tepidez das faces coradas pelo vento cortante das manhãs dos desaparecidos dos ainda não encontrados dos não de todos os não e de todas as proibições

os olhos se fixam por um instante eterno os pelos arrepiam é hora de entrar uma fila uma escada onde vamos vamos juntos ficaremos juntos pergunto essa pergunta é para o futuro ou para o agora a quem interessa saber o espetáculo começa mas quem liga estamos eu e você quentes talvez borbulhando em chamas mas ainda sem saber o que será o que acontecerá

braços se encostam um abraço livre um sinal de que é possível seguir de novo o olhar o sorriso entreaberto e tímido música dança com palavras no palco as palavras inundam o espaço nunca vazio mãos se entrelaçam um pouco escondidas sapatos tirados dos pés um rito nem sagrado nem profano um rito de silêncio profundo cortado por sussurros precisos milimetricamente calculados música

13/08 18:53 – fragmento 21

escorpião

panos rasgados jovens dançando óculos de sol luzes que quando se apagam viram alívio queimar agora em outro recinto em uma cápsula borrada de ar de todas as gentes que poderiam estar aqui adentrar interromper segundos de fúria e paz o portal poderá se abrir a qualquer momento para um tempo incerto insano o que será de nós de nossa força brutalidade raiva medo histórias a serem vividas e quem sabe nunca contadas a ninguém

contar sem cortes nem interrupções falar sem censura deixar que os pensamentos escorram pela pele seca ávida de sereno de outras peles de dias



simplesmente vividos talvez a canção

tudo depois é sonho o silêncio o gesto o encontro a desconfiança o cheiro impregnado o abraço apertado os passos incertos a caminhada o posto de gasolina o convite a espera a entrada o elevador e tudo o que acontece ainda depois do que se imagina que seja o depois de novo o olhar o toque o arrepio a vontade de repetição repetir voltar lembrar detalhar sofrer com lembranças

querer de novo como um filme não como teatro que sempre é diferente mas como um filme que se repete exatamente igual a fila a escada o ambiente as mãos nas pernas o ar trêmulo quase sufocante declamam o texto a banda tocando mas não estamos lá e sim aqui a experimentar devorar canibalizar até que possamos virar texto

tudo há de virar texto todo desejo toda palavra não dita tudo que corrói a alma por dentro buscando brechas entre os poros da pele tudo sempre há de virar texto

em cada janela iluminada dos prédios à distância estou em cada esquina em cada mesa de bar nos vagões cheios dos metrô me encontro sento e com o olhar vago procuro olhares que não olham olhos que não compreendem esse pedido amargo de socorro de uma vida que escorre e se esvai como um corte sangrando sem sutura

escorro

sem sutura

20/08 15:07 - fragmento 22

veludo

as palavras vão precisar escorrer pelas pernas enquanto os braços se ocupam num último abraço mas as despedidas são leves e descontraídas quando não se sabe que serão para sempre enquanto o coração dispara como se cometêssemos um ato perigoso e proibido como se mil olhos nos observassem nas frestas das coisas e do tempo até que não houvesse mais palavras até que a pele sangrasse pingo a pingo por causa dos desejos indecentes disseram que eram indecentes

mas elas as palavras pequenas e grandes vão se formando do nada da nossa insensatez como bolhas ou flocos de neve pequenos que mal chegam ao chão se desfazem como o amor

pingo a pingo

pingo a pingo

engolir não dizer dizer para dentro jogar pra dentro deixar de falar silenciar emudecer chorar engolir o que deveria ser vomitado ao mundo sentir o gosto do vazio o gosto do nada o gosto da solidão e do segredo não basta o olhar nem o jogo nem a vontade porque o que resta é o que resta é não sei bem não sei se resta alguma coisa

28/08 19:15 - fragmento 23

a imaginação

houve um tempo em que era preciso vomitar palavras elas subiam assanhadas pela garganta acima raspando tudo machucando a carne e depois pulavam boca afora escancarando tudo era preciso dizer a verdade nunca dita era preciso rasgar as roupas e a própria pele era preciso rasgar os papéis rasgar as normas desafiar as leis e só então as palavras poderiam ser felizes não precisavam ser vomitadas saíam da boca em frases claras meticulosamente organizadas em sua calma destruíam tudo como coquetel molotov e depois disso podíamos sair pelas ruas livres gritando cantando muito longe as palavras transformadas em desejos fáceis de realizar todos os desejos do mundo

o desejo de soprar a poeira e ver cada grão de poeira como se fosse possível ver cada grão de poeira dançar no vento como se estivesse diante de uma plateia mostrando seu saber dançar a um público sedento ávido por alguma novidade algo que nunca foi feito um ineditismo calcado no que há de mais original um grão de poeira que dança e quem são essas pessoas interessadas em vê-lo em acompanhar seus movimentos seu trajeto quem quer saber o que se passa com um grão de poeira ao vento menor ainda que um grão de areia que simplesmente deixa que o vento o leve até cair até voltar ao chão e quem sabe ficar ali para sempre quem sabe porque nunca se sabe eu queria ter esse tempo um tempo para poder soprar a poeira

Recebido em: 23/11/2024
Aprovado em: 26/02/2025